

# **APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA (SEA) QUAIS AS PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS EM DUAS TURMAS DE 1º ANO DA REDE MUNICIPAL DE MORENO/PE?**

**Juliana Maria Lima Coelho**

**(Universidade Federal de Pernambuco)**

**Jailze de Oliveira Santos**

**(Universidade Federal Rural de Pernambuco)**

## **Resumo**

Neste estudo abordamos as dificuldades que encontramos nas turmas do 1º- ano do Ensino Fundamental, falamos sobre a escrita em casa, o ensino de escrita na escola, e as estratégias dos docentes para ensinar a escrever. Foi através de pesquisas bibliográficas com base nas autoras Ferreira, Teberosky e outros autores que nos ajudaram a construir o nosso referencial teórico que construímos nossos conhecimentos e pudemos estruturar nossa análise. Para a coleta de dados entrevistamos 2 professoras e dois alunos da rede municipal de ensino de Moreno. Após aplicarmos a entrevista com os 2 professores percebemos que ambas conseguiram responder nossas perguntas com esclarecendo o que precisa ser feito para que a criança aprenda a ler e a escrever. Notamos, pelas respostas dadas, que as docentes realizam um trabalho com seus alunos na sala e que possuem saberes sobre o sistema de escrita alfabética mas, quando fomos analisar as respostas dos alunos percebemos muita insegurança dos discentes em relação ao conhecimento da escrita. Acreditamos que o fato das aulas terem iniciado, particularmente nesse ano, com atraso no ano letivo, promoveu maiores dificuldades na construção do conhecimento dos estudantes, ainda que haja um considerável esforço e articulação dos docentes para dar conta das demandas dessa etapa do ensino.

Palavras- chave: Dificuldades, ensino, aprendizagem.

## **1. Introdução**

Este trabalho teve como objetivo analisar e investigar as dificuldades dos alunos no processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (doravante, SEA) em turmas do 1º- ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal da Cidade de Moreno.

**(83) 3322.3222**

**contato@conbrale.com.br**

**www.conbrale.com.br**

De uma forma geral, propõem-se intervenções didático-Pedagógicas juntas aos profissionais da educação que vivem e convivem com inúmeros alunos que enfrentam dificuldades durante o processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética.

O ato de aprender a desenvolver a escrita apoia-se muitas vezes em um exercício de coragem e persistência. Compreender o que leva o aluno a sentir dificuldades que aparentemente parece simples, mas que, no entanto tem levado a repetirem o ano letivo diversas vezes culminando inclusive com a evasão escolar. Entender o fenômeno da aprendizagem integrando diversas áreas do conhecimento não é fácil, tanto para quem aprende como para quem ensina.

Por estes e outros motivos, esta pesquisa visou trazer uma investigação sobre as dificuldades que os alunos do 1º- ano do Ensino Fundamental enfrentam nas salas de aula no que diz respeito á aquisição da escrita, à luz do que diz a literatura da área, identificar os fatores que interferem durante o processo de apreensão do Sistema de Escrita Alfabética (S.E.A.) e ainda identificar os fatores é fundamental para que os professores possam compreender o porquê do aprendiz não estar desenvolvendo o Sistema de Escrita Alfabética. Cabe, portanto, à pratica docente a necessidade de desenvolver as habilidades do uso da língua escrita na escola e no seu cotidiano social através das atividades didáticas propostas em sua sala de alfabetização.

O que nos motivou na escolha do tema foi às experiências vivenciadas durante o Curso de Normal Médio, quando, ao estagiarmos em uma determinada Escola da Rede Municipal de Moreno, na turma do 1º- ano percebemos a grande dificuldade que os alunos apresentavam nas atividades que envolviam a escrita.

Serão discutidos os seguintes subtemas no referencial teórico do trabalho: A escrita em casa, o ensino de escrita na escola, as estratégias dos docentes para ensinar a escrever.

## **A escrita em casa**

É de suma importância que cada pai e mãe estimulem seu filho (a) a escrever. Assim treinarão sua coordenação motora para que, ao chegar na escola, não tenham tantas dificuldades, pois tem alunos que chegam na sala de aula ao menos saberem pegar no lápis. Se em seu lar as crianças forem estimuladas, terão mais facilidade de desenvolver sua escrita, existem alguns pais que só querem que o professor

faça seu papel, mas, em casa eles não fazem com que a criança produza. Sabemos que muitas vezes em casa os pais não conduzem suas ações para que as crianças treine sua escrita para que ao chegar na sala de aula elas não tenha muitas dificuldades. Cada pai tem seu papel como os professores também, se trabalharem em conjunto cada criança desenvolverá perfeitamente a escrita.

A alfabetização abrange um procedimento de instrução com uma ideia de aprendizado que o vê um tanto produzido, edificado pela influência e pela cautela do indivíduo. A ação de alfabetizar não é vista sem coerência, ela está interligada com o universo, sendo que contorna um método de edificação de saberes e conduz a solicitação de verificar os estudantes como indivíduos independentes para que eles venham ser um comentarista na comunidade e serem como pessoas ativas, dominando o conhecimento de mudar a irmandade.

Segundo Ferreiro e Teberosky, “a posição que sustentamos reiteradamente é que o marco da teoria do desenvolvimento do cognitivo de Piaget é apto para compreender os processos de apropriação de conhecimentos envolvidos na aprendizagem da escrita. Dizemos apropriação do conhecimento e não aprendizagem de uma técnica. Contudo o que essa apropriação significa aqui como em qualquer outro domínio da atividade cognitiva: Um processo ativo de reconstrução por parte do sujeito que não pode se apropriar verdadeiramente de um conhecimento senão quando não compreendeu seu modo de produção, quer dizer, quando o reconstituiu internamente (1985, p. 275)”.

Quando uma criança mesmo antes de ir a escola se você oferecer um lápis e um papel ela rabiscará de forma tão interessante que se você perguntar o que ela escreveu com toda certeza ela dirá ou até mesmo contará uma história. A criança sabe organizar sua imaginação e cabe ao professor valorizar essa tentativa de criação e evolução estimulando cada vez mais o mesmo em desenvolvimento.

É importante também que o docente não seja exigente com a escrita da criança, pois através dos textos mostrados na sala de aula pelo mesmo elas venham mudar seu conhecimento e sua aprendizagem, vindo a entender que a escrita com a linguagem oral é necessária para um bom desenvolvimento no ensino-aprendizagem.

### **O ensino de escrita na escola**

Segundo Ferreiro (1996, p.24), “O desenvolvimento da alfabetização ocorre sem dúvidas, em um ambiente social. Mas, as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Hoje em dia muitos educadores definem erroneamente o processo de alfabetização como sinônimo de uma técnica”.

Muitos profissionais da educação não aceitam qualquer escrita, querem que os estudantes escrevam perfeitamente, mas esquecem que cada criança tem um tempo para aprender e muitos deles não tem o auxílio de seus pais para aprender a escrever ou até mesmo aperfeiçoar sua escrita. Muitos docentes esquecem também que é a sala de aula que as crianças deveriam ter a maior ajuda e incentivo para aprender, mas não é assim que vemos hoje, é totalmente ao contrário.

O correto é que todos os professores vejam e considerem as escritas do ponto de vista construtivo, representando a evolução de cada criança, é preciso que haja uma restauração interna na escola com relação à escrita e também no que se refere às formas de alfabetizar. Ao ler alguns artigos e livros, onde Ferreiro fala, percebe-se que é possível compreender que as dificuldades e fracassos nos anos iniciais na aprendizagem da leitura e escrita constituem um problema que nenhum método conseguiu solucionar. Em suas obras, porém, ela não apresenta nenhum método pedagógico que deveria ser seguido pelos professores para alfabetizarem seus alunos, mas revela os processos de aprendizagem das crianças.

Ferreiro (1999, p, 47) afirma que: “A alfabetização não é um estado que se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”.

A autora diz que de todos os grupos as crianças tem mais facilidades de aprender, pois estão em processo contínuo de aprendizagem, enquanto os adultos já fixaram formas de ação e de conhecimentos e tornam-se mais difíceis de ser modificada.

Há várias crianças que ao chegarem à escola já tem algumas noções de escrita, sabem que elas são usadas para escrever coisas divertidas, que transmitam alegria e muitas coisas boas, e ao entrar na escola tornam-se mais fácil no decorrer do período escolar.

A criança constrói seus próprios conhecimentos e o professor tem como objetivo fazer com que ela se desenvolva no processo construtivo, fazendo com que a linguagem escrita represente as ideias e os conceitos que as pessoas e a linguagem oral possuem em uma determinada cultura.

É muito comum que a criança passe por etapas de avanços e recuos, até ter o domínio linguístico, e o professor deverá respeitar a evolução de cada indivíduo e compreender que o desempenho mais vagaroso não significa que a mesma

seja menos inteligente e que a escola tenha culpa do não desenvolvimento, mas pela própria mente da criança.

Para Ferreiro e Teberosky (1985, p.18) “A preocupação dos educadores tem se voltado para a busca do melhor ou do mais eficaz dos métodos, levando a uma polêmica entre dois tipos fundamentais: o método analítico e o método sintético”.

### **As estratégias dos docentes para ensinar a escrever**

É de fundamental importância que o professor compreenda toda dificuldade que a criança esteja passando em seu processo e escrita.

Em 1996, no Brasil, foi implantada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que introduziu diversas mudanças nas leis anteriores com a inclusão da educação infantil (creches e pré-escolas). A formação adequada dos profissionais básicas também foi priorizada com um capítulo específico para tratar do assunto.

O professor precisa planejar e orientar aprendizagem do aluno de acordo com os níveis é preciso distinguir pontos chave que estabeleçam com mais facilidade a aprendizagem da escrita nos anos iniciais.

Ao estabelecer relações entre os conhecimentos do que está aprendendo, o sujeito assume uma postura ativa em relação às informações adquirindo um pensamento próprio do que se aprende, tornando cada vez mais a aprendizagem do aluno mais motivada e venha ter um bom resultado e bom desenvolvimento.

O professor precisa propor atividades diversas para que o aluno seja estimulado para aprender, juntos a elas atividades desafiadoras com partes mais difíceis com alguns exemplos e oportunidades de acertos. Antes de tudo o professor terá que ter uma conversa informal mostrando a elas que as atividades diversificadas mostraram os níveis e processos que os levaram a aprender.

O ensino da escrita exige que o professor motive o aluno no processo de conhecimento facilitando assim sua compreensão. É importante que a escola e o professor forme o aluno para que ele possa se desenvolver através dos desafios encontrados na escola ou no dia-a-dia.

É fundamental que o educador desenvolva no aluno a busca pela meta de aprender. Será a partir da compreensão de que a aprendizagem exige o uso de

diversos processos mentais, portanto não é uma tarefa fácil, mas sim (desmotivadora) exigindo tolerância, persistência e concentração. Somente com essa concepção sobre como aprende, o aluno adquira auto direcionamento, automotivação e desenvolverá ferramentas para se auto-avaliar seu trabalho. Essa meta mantém o sujeito motivado durante grande parte do processo de aprendizagem, porém nas escolas tem sido extremamente difícil alcançá-la e mantê-la (Bzuneck, 1999, p. 51-66).

O papel do professor é significativo a fim de que os alunos possam engajar-se na própria aprendizagem. As estratégias de ensino devem fazer parte no dia-a-dia instrumentalizando o trabalho do professor e facilitando o ensino e o aprendizado.

A aprendizagem é um processo complexo e temos muitos alunos que enfrentam dificuldades logo no primeiro ano escolar. Temos que levar em consideração existem alunos que não são acompanhados em casa pela família e que vão ficando com suas dificuldades ao passar dos anos. É importante que o docente crie métodos que felicitem na aprendizagem do aluno e assim os deixem mais estimulados a frequentar a escolar.

## **Metodologia**

O objetivo dessa pesquisa foi analisar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes que estão no início do processo de alfabetização e consolidação da escrita, então foi realizada a pesquisa em 2 Escolas da Rede Municipal da Cidade de Moreno-PE. Convidamos para entrevistar 2 professoras que lecionam em turmas do 1º- ano do Ensino Fundamental e dois alunos que são alunos delas, umas das professoras entrevistadas tem o antigo Magistério, a graduação em Pedagogia e a pós-graduação em Educação Especial, a segunda professora também tem o magistério, fez graduação em Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia.

Na construção deste trabalho utilizamos pesquisa bibliográfica de autores que contribuem com a interação da escrita, utilizaremos a entrevista como critério de pesquisa visando retratar o ponto de vista dos professores sobre a escrita e de que forma os professoras tem a participação do processo de apropriação da escrita.

Além de pesquisas de campo utilizamos a pesquisas bibliográficas que foram colocadas no Referencial Teórico, a contribuição de alguns autores foi de suma importância para a conclusão desse estudo.

Em termos metodológicos definimos pela abordagem qualitativa, pois segundo Minayo (1998 pp.21-22). “A pesquisa qualitativa responde as questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzido á operacionalização de variáveis”.

## **Resultados e Discussão**

As entrevistas foram realizadas em duas Escolas Municipais da Cidade de Moreno com duas professoras que tem entre 30 e 45 anos de idade e mais de oito anos de experiência no ensino escolar, ambas do sexo feminino, formadas no curso de magistério, graduadas em pedagogia, professora 1 tem especialização em Educação Especial e a professora 2 tem especialização em Psicopedagogia.

Nos primeiros contatos com as professoras nas escolas, presenciamos que ambas ficaram nervosas com a nossa chegada, mas depois de alguns dias pudemos perceber que ali era um ambiente de ampla participação e inter-relação entre os indivíduos que dela fazem parte. Gestor, funcionários, professores e os alunos demonstraram uma ótima convivência e um respeito uns pelos outros e com suas diferentes opiniões. A seguir apresentaremos algumas das respostas das docentes, seguido dos comentários.

Iniciamos a entrevista com a seguinte pergunta: Como você trabalha a escrita com seus alunos. Obtivemos as seguintes respostas:

**Professora 1-** Trabalho com atividades da vida cotidiana que envolva ler e escrever notícias, soluções de problemas, receitas, convites...

**Professora 2-** Inicialmente o trabalho se dá a partir da identificação da criança (o nome) buscando sentido para escrita, usando materiais do seu cotidiano. Refletindo sobre a função social da escrita.

Observamos que a professora 1 trouxe exemplos mais práticos do ensino da escrita. Todavia, a professora 2 apresentou uma resposta que remete a busca da função social da escrita, isto é, talvez porque a docente tente, em seus ensinamentos, destacar esse importante

aspecto. No que concerne ao papel da escrita trazemos a reflexão de Kramer:

O que faz de uma escrita uma experiência é o fato de que tanto quem escreve quanto quem lê enraízam-se numa corrente, constituindo-se com ela, aprendendo com o ato mesmo de escrever ou com a escrita do outro. A leitura e a escrita podem a medida que se configuram como experiência, desempenhar o importante papel na formação. Kramer (2003, p. 66)

Após a pergunta sobre a opinião do professor ao apresentar aos seus alunos, que metodologia adaptar para que escrevam corretamente, obtivemos as seguintes respostas:

**Professora 1** – Primeiramente deve-se criar condições didáticas para que o estudante conheça, aprecie e compreenda para conseguir produzir.

**Professora 2** – deve-se apresentar a criança materiais concretos e situações que estimulem a escrita, partindo do seu contexto para que se inicie uma aprendizagem significativa.

Observamos que o professor 1 cria condições didáticas para que o estudante conheça, aprecie e aprenda a produzir. O professor 2 apresenta a criança materiais concretos e situações que estimulem a escrita, através do seu contexto iniciará a aprendizagem.

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades. LIBÂNEO (1994, p.250)

Após a pergunta sobre como ajudar seus alunos a obterem sucesso na apropriação da escrita obtivemos as seguintes respostas:

**Professora 1** – O caminho é leva-los a participar de forma eficiente de atividades da vida social que envolvam leitura e escrita.

**Professora 2** – Desenvolvendo uma prática pedagógica que tenha como princípio básico, uma aprendizagem significativa, onde a criança possa ser sujeito ativo nesse processo.

Notamos que o professor 1 leva o aluno a participar de forma eficiente de atividades da vida social que envolvam leira e escrita. O professor 2 desenvolve uma pratica pedagógica que tenha princípios básicos, e aprendizagem, onde a criança possa ser sujeito ativo nesse processo.



Escrever é uma maneira de pensar que não se consegue pelo pensamento apenas. Todos os constrangimentos sintáticos e gramaticas da escrita, em vez de nos reprimirem, levam-nos a encontrar frases que existiam antes de serem escritas, que não podiam existir de outra forma. Miguel Esteves Cardoso (1955, p. 25)

Após a pergunta como você treina a sua escrita. Obtivemos as seguintes respostas:

**Aluno 1-** Em casa eu tento escrever alguns nomes, e tento ajudar minha irmã. E a professora passa atividade no quadro pra agente escrever pra caderno.

**Aluno 2-** Faço copia e tiro do quadro.

Vimos que o aluno 1 tenta ajuda da irmã nas atividades de casa e treina a sua escrita escrevendo vários nomes. O aluno 2 exercita a escrita com cópias e tirando do quadro as atividades que a professora passa no quadro.

A escrita é, assim, entediada como um ato de comunicação que requer um contexto social e um médium, sendo encarada também, ao mesmo tempo, como atividade de produção que se apoia na motivação intelectual que solicita processos cognitivos. Barbeiro (1999, p.63)

A citação acima nos diz que é através da escrita que podemos nos comunicar com as pessoas, pois se não existisse a escrita como escreveríamos carta, pois antigamente as pessoas só se comunicavam pela escrita, em formas de catas, então se mão existisse a escrita às pessoas de antigamente não iriam se comunicar e sem falar dos livros e textos que foi através da escrita que hoje em dia temos acesso e podemos fazer o uso dos livros e gêneros textuais. A escrita também é vista como atividade de produção que se apoia na motivação intelectual que solicita processos cognitivos, em minha opinião isso quer dizer através da escrita podemos construir textos, como por exemplo: redação e escrever uma carta, bilhete ou até um livro, então é através dessa construção que nos deixa motivados a não parar de ler muito menos de escrever, pois a leitura complementa a escrita, se lermos muito, podemos evoluir muito juntamente com a escrita.

Após a pergunta sobre a professora treina a escrita dos alunos na sala de aula e como ela trabalha a escrita com você e seus colegas de classe. Obtivemos as seguintes respostas:

**Aluno 1-** Sim. Coloca as atividades no quadro e quem não sabe ela vai pedindo para escrever direito.

**Aluno 2-** Sim. A professora manda apagar quando estar errado, manda tirar do quadro e se tiver errado ela manda apagar e fazer de novo.

Observamos que o aluno 1 treina a escrita e se tiver algumas das crianças daquela sala de aula que não esteja escrevendo corretamente a professora pede para que ela apague para que ela venha escrever direito, o mesmo a professora do aluno 2 faz com ele, se estiver errado ela apaga e pedi pra escrever de novamente.

É flagrante a falta de condições para que a escrita para seja uma prioridade e ocupe de fato um plano de trabalho significativo. Pesquisas já tem demonstrado que a maior parte do tempo em sala de aula é gasta com explicações “transmissivas” que os professores historicamente assumiram, deixando as atividades de leitura e escrita (entenda-se aqui planejamento, redação e revisão de texto) relegadas a um segundo plano, na dependência do tempo que sobre o espaço disponível na pauta do programa. Antunes (2006, p. 177).

Pode-se entender que o autor Antunes (2006, p. 177), quer dizer que muitos professores gastam mais tempo explicando os assuntos do que treinando a escrita e a leitura dos alunos, podemos afirmar que isso verdadeiramente acontece em algumas escolas tanto da Rede Municipais, quanto da particular, pois durante os 4 anos que passamos estudando no Curso de Normal Médio, víamos muito isso acontecer, nas escolas que íamos estagiar, percebemos que as professoras passavam mais tempo explicando os assuntos das disciplinas em geral, do que explorando, incentivando e trabalhando a leitura e a escrita com os alunos. Se todas as professoras dividissem o tempo por igual para todas as disciplinas, para que todas elas tivessem o mesmo tempo de exploração e poder trabalhar em cima da leitura e da escrita com isso irá facilitar o aprendizado dos alunos para que eles se desenvolvam não só nas demais disciplinas, mas também na leitura e escrita, pois sem eles os alunos não terá um bom rendimento nas outras disciplinas.

Estávamos na expectativa de ir a campo pra saber como seriam as respostas dos alunos e professores, de como os componentes da escola iriam nos receber, mas ao chegarmos lá primeira escola fomos recebidas muito bem por todas as pessoas que fazem parte da escola, os primeiros a serem entrevistados foram os alunos, mas em dias diferentes, podemos perceber que ambos ficaram um pouco receosos de responder, mas mesmo assim conseguiram responder, um dos alunos me perguntou se era prova, mas daí o expliquei o motivo da minha ida na escola e porque fazer a entrevista com ele, falei

pra ele o que eu estava fazendo ali naquele momento, para que ele ficasse tranquilo e respondesse as perguntas com calma e sem nervosismos. No dia seguinte fui fazer a entrevista do outro aluno, também mostrou nervosismo, mas ai já fui logo explicando o motivo da minha presença naquele momento já para que ele me respondesse sem medo e com segurança em suas palavras.

Estávamos na expectativa das respostas que os entrevistados (os alunos) iriam dar, quando ambos acabaram de responder nossa pergunta fomos analisar cada uma das respostas e ficamos muito abismadas, pois esperávamos respostas melhores, mas nesse caso lembramos que estávamos entrevistando alunos do 1º- ano do Ensino Fundamental e que eram pequenos para dar melhores respostas. Com isso começamos analisar as resposta com um olhar diferente, olhar de que eles são alunos que ainda estão na fase de aprender a pensar bem e falar bem, então pudemos observar que eles foram sinceros nas respostas.

## **Conclusões**

Essa pesquisa teve objetivo analisar quais as dificuldades enfrentadas pelos estudantes que estão no início do processo de alfabetização e consolidação da escrita, através desse estudo, podemos perceber a importância que a família e os docentes têm na vida de uma criança, pois é através deles que os alunos começam a desenvolver a escrita, o incentivo de cada um deles é de suma importância para que os estudantes desenvolvam a escrita.

Se as crianças convivem em um ambiente que as incentivam á escrever desde cedo, ao chegar na escola, com a professora que há incentivem também a desenvolver a escrita, com isso cada estudante irá evoluir cada vez mais sua escrita, os pais dos alunos precisam entender que para a criança se desenvolver não só basta que os profissionais da educação faça seu papel, mas os pais dos alunos também precisam exercer sua parte para que os seus filhos se desenvolvam na escrita. Pois muitos dos pais pensam que o professor que tem o dever de fazer com que a criança aprenda mas, que na verdade é um conjunto, uma junção entre a escola e os pais, se ambos trabalhares juntos teremos um avanço maravilho na escrita.

Podemos compreender que o fracasso escolar acontece com a falta de participação dos familiares no ambiente escola, pois através do nosso

estudo, foi comprovado que o elo entre a escola/família é essencial para o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Diante dessa conclusão validamos a nossa hipótese que é o fracasso escolar, acontece pela falta de compromisso da família com a escola e o desinteresse da mesma com o ensino e a aprendizagem das crianças.

Analisamos que esta pesquisa teve uma grande importância para a educação, pois busca compreender as possíveis causas das dificuldades enfrentadas em turmas do 1º- ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal da Cidade de Moreno. Quanto aos pais participativos ocorre um crescimento favorável no desenvolvimento da criança e um trabalho pedagógico satisfatório.

## **Referências Bibliográficas**

ANTUNES, I. A avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, c.; Mendonça, M. (Orgs). Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BARBEIRO. L.F. (1999), Os alunos e a expressão escrita; consciência metalinguística e a expressão, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

FERREIRO, Emilia; Teberosky, Ana. A Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes. Medicas 1985. 284p.

FERREIRO, Emilia. Reflexões Sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez, 2000. 104p.

FERREIRO, Emilia. Alfabetização em Processo. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia; Teberosk, Ana. A Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Medicas 1985.

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, J. C. Congressos, encontros, seminários de educação: espaços de desenvolvimento profissional ou mercado de entusiasmo? Revista de Educação da AEC, Ano 27, n. 109, out./dez. 1998.

LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora? – novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez 2002.